

PALAVRAS-CHAVE: atlas subjetivo;
psicogeografia; cartografia emocional;
representação espacial.

OBJETIVOS

Levantar dados para o entendimento do que seja um atlas subjetivo, com bases históricas na psicogeografia. Para isso, são levantados os conceitos de mapas, imagens e percepção – de modo relacionado ao tema.

JUSTIFICATIVA

A sociedade do conhecimento incorpora e dá sentido à informação codificada e disseminada em ondas, fluxos e conexões globais. Isso responde e exige mudanças nos valores culturais, para que os benefícios decorrentes sejam motivos de satisfação com essa ordem tecnológica, econômica, social, artística e humana.

Os espaços urbanos ou as cidades devem ser privilegiados pelos benefícios decorrentes das tecnologias disponíveis. Assim, o trabalho inovador que investe no capital intelectual é articulado aos processos criativos em geral e aos artísticos em particular, sendo isso fundamental na dinâmica da atualidade.

O momento histórico atual é caracterizado por diversas crises em diferentes localidades do espaço global. Essas crises são de ordem econômica, política, tecnológica, cultural e territorial, sendo que parte dos problemas é circunstancial. Mas, a parte predominantemente afetada é por problemas estruturais, requerendo abordagens revolucionárias, no tocante à problemática cotidiana que envolve moradia, comércio, a mobilidade urbana, saneamento básico, iluminação e o acesso às tecnologias e serviços.

As necessidades dos cidadãos demarcam as relações sociais nos lugares. Assim, a troca de informações e a qualidade do conhecimento propiciam soluções mais adequadas, abrangentes e inteligentes.

ATLAS SUBJETIVOS

Há autores que consideram que fazer mapas é uma aptidão inata da humanidade. “Qualquer pessoa que não saiba ler, mas a quem se pergunta qual o melhor caminho para ir a algum lugar, é capaz de fazer um esboço, mostrando o caminho a seguir, os fatos importantes que existam ao longo do percurso e os principais obstáculos” [1].

Para Claval [2], “o ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades e através das técnicas que permitam explorá-lo”. Considera-se, aqui, que a criação de mapas subjetivos faz parte dessas técnicas. E isso é tão remoto quanto a própria escrita. Medeiros [3] assinala:

A interpretação acerca dos territórios ou domínios do ser humano sempre esteve presente em desenhos gravados em pedra, argila, pele de animais e outras estruturas. A apreensão do espaço e a elaboração de estruturas abstratas para representá-lo têm sido marca da vida em sociedade.

O termo atlas subjetivo foi cunhado mais recentemente pela designer holandesa contemporânea Annelys de Vet, cujo trabalho extrapola o papel do design em relação aos discursos público e político, trabalhando com a representação de identidades culturais e nacionais. É uma idéia recente, que ainda carece de maiores estudos e bibliografia. Na figura 1 pode-se observar como esses mapas podem ou não estar relacionados ao território geográfico e suas representações convencionais.

O conceito de atlas subjetivo desenrola-se a partir da preocupação com o papel público do designer gráfico. Se um atlas é um conjunto de mapas, cartas ou estampas, o termo subjetivo representa aquilo que está no eu, que reside no espírito, que manifesta as idéias ou preferências da própria pessoa. Sendo assim, o atlas subjetivo é um documento gráfico que vai reunir as impressões visuais do indivíduo sobre determinado espaço do território e suas características, concebendo objetos de representação incomum que ilustrem e materializem outras concepções da realidade.